

## A ESCOLA NÃO ENSINA, NA ESCOLA SE APRENDE

Marcelo Vieira Pustilnik  
<https://orcid.org/0000-0002-1139-5154>

**Resumo:** Este ensaio é um breve relato da pesquisa que teve como objetivo observar, conhecer e investigar algumas inovações pedagógicas em curso, inicialmente na Europa. Entendemos no andamento da investigação que seria necessário incluir as experiências na Índia e no Brasil para identificar possíveis convergências e inspirações para o sistema de ensino de educação pública no Brasil. Há anos desenvolvemos pesquisas sobre o ensino, principalmente as relações de aprendizagem na educação, possibilidades que envolvem relações no espaço escolar diferentes daquelas tradicionalmente produzidas. Buscamos uma nova práxis que se diferencie da escola a partir da relação professor ensina, aluno aprende, que o lugar da aprendizagem é a sala de aula, que o professor ensina, o aluno escreve, o professor avalia e o aluno tem que demonstrar que tem aprendido. Para o efeito, foram visitadas várias experiências, algumas muito antigas, em curso na Europa: Summerhill School, Brockwood Park School em Inglaterra; O Movimento Escola Moderna Português e a Escola da Ponte em Portugal; na Índia, a experiência educacional em Auroville e Barefoot College; além de algumas experiências brasileiras, conhecer e identificar suas metodologias, práticas e resultados. Assim, este ensaio visa refletir tais inovações e suas possíveis interfaces com a educação brasileira, servindo de fonte de inspiração em uma perspectiva de mudanças na prática educativa no país.

**Palavras-Chave:** Inovação pedagógica, aprendizagem, avaliação, metodologia

## THE SCHOOL DOES NOT TEACH, AT SCHOOL YOU LEARN

**Abstract:** This essay is a brief report of the research that aimed to observe, know and investigate some pedagogical innovations underway, initially in Europe. We understand in the course of the investigation that it would be necessary to include the experiences in India and Brazil to identify possible convergences and inspirations for the public education teaching system in Brazil. For years we have been developing research on teaching, especially the learning relationships in education, possibilities that involve relationships in the school space that are different from those traditionally produced. We seek a new praxis that differentiates itself from school from the teacher teaches, the student learns relationship, that the place of learning is the classroom, where the teacher teaches, the student writes, the teacher evaluates and the student has to demonstrate that he has learned. For this purpose, several experiences were visited, some of them antiquated, in progress in Europe: Summerhill School, Brockwood Park School in England; The Portuguese Modern School Movement and the Escola da Ponte in Portugal; in India, the educational experience at Auroville and Barefoot College; in addition to some Brazilian experiences, to know and identify their methodologies, practices, and results. Thus, this essay aims to reflect on such innovations and their possible interfaces with Brazilian education, serving as a source of inspiration in a perspective of changes in educational practice in the country.

**Keywords:** Pedagogical innovation, learning, evaluation, methodology



---

## LA ESCUELA NO ENSEÑA, EN LA ESCUELA SE APRENDE

**Resumen:** Este ensayo es un breve relato de la investigación que tuvo como objetivo observar, conocer e investigar algunas innovaciones pedagógicas en curso, inicialmente en Europa. En el transcurso de la investigación, sería necesario incluir las experiencias de India y Brasil para identificar las posibles convergencias e inspiraciones para el sistema de enseñanza de la educación pública en Brasil. Desde hace años, desarrollamos investigaciones sobre la enseñanza, principalmente en las relaciones de aprendizaje en la educación, posibilidades que envuelven relaciones en el espacio escolar diferentes de aquellas tradicionalmente producidas. Buscamos una nueva praxis que se diferencie de la escuela, a partir de la relación maestro-enseña, estudiante-aprende, que el lugar del aprendizaje es el salón de clases, en el cual el maestro enseña, el estudiante escribe, el profesor evalúa y el estudiante tiene que demostrar lo que ha aprendido. Para esta finalidad, fueron visitadas varias experiencias, algunas muy antiguas, en marcha en Europa: Summerhill School, Brockwood Park School en Inglaterra; El Movimento Escola Moderna Português y la Escola da Ponte en Portugal; en India, la experiencia educacional en Auroville y Barefoot College; además de algunas experiencias brasileñas, para conocer e identificar sus metodologías, prácticas y resultados. Asimismo, este ensayo pretende reflexionar tales innovaciones y sus posibles interfaces con la educación brasileña, sirviendo como fuente de inspiración en una perspectiva de cambios en la práctica educativa en el país.

**Palabras-Claves:** Innovación pedagógica, aprendizaje, evaluación, metodología.

### 1. Introdução

O tema inovação pedagógica pode parecer à primeira leitura que estamos tratando de novas formas de gerenciamento da escola, como encontrado em projetos em andamento. Outra abordagem muito comum de apresentar a inovação pedagógica é relacioná-la às novas tecnologias na educação escolar. Encontramos ainda a ideia de inovação pedagógica a introdução de novidades que permitam a escola atual ser melhorada. Nenhuma dessas abordagens iremos tratar aqui, o que se pretende é identificar, reconhecer, entender e refletir sobre as outras possibilidades de se pensar escola, que não a escola que hoje está dada, podemos dizer que estaríamos mais para uma pedagogia disruptiva onde a escola que conhecemos não existe mais. Podemos pensar em outros modelos, seja de escola, seja de como o professor desenvolve seu trabalho. Gostaríamos de deixar claro que o que iremos apresentar e discutir não é uma tentativa de salvar o projeto atual de escola, mas sim de subvertê-lo totalmente. Quem sabe uma nova arquitetura, uma nova geografia escolar;

lembrando que a forma como o ser humano<sup>1</sup> ocupa o espaço determina as relações sociais e de poder. Não há como pensar uma outra escola, na qual se construa relações igualitárias, se desenvolva a autonomia do pensar, do criar, da liberdade de escolhas e de forma consciente, onde se construa o conhecimento e não somente a reprodução deste, sem mudar a sua geografia atual. Uma escola que foi pensada para estabelecer relações de poder, privilegiando a reprodução do conhecimento por meio da transmissão de informações, do decorar e do calar.

É sobre estas outras possibilidades de se pensar a escola que iremos discorrer e apresentar diversas outras possibilidades já existentes, com resultados consistentes no que diz respeito a apreensão e domínio de conteúdos, mas indo além no que tange a capacidade que se desenvolve pelo pensar sistêmico, complexo, livre. Qualidades tão importantes para enfrentar o desafio de uma sociedade com tantos problemas e possibilidades. Saber lidar com a enorme produção de novos conhecimentos a cada dia e frente as incertezas nos diversos níveis da vida humana neste planeta. Planeta esse que se tornou pequeno e temos que saber viver todos juntos nele, com menos sofrimento e desigualdades.

Reconhecemos que há no Brasil um grande grupo de educadores sérios que se ocupam em promover a necessária e profunda mudanças na escola, mesmo na educação do país como um todo. São conhecidas diversas experiências brasileiras, e bem-sucedidas, que se organizaram a partir de outros modelos metodológicos, sociais e pedagógicos, mas também entendemos que o pensamento colonizador no Brasil é muito forte e está presente no campo educacional atuando como resistência e conservadorismo. Resultante disso, tais experiências inovadoras são pouco valorizadas, não reconhecidas nos seus saberes, seus resultados e suas práticas. Por isso, trazer as experiências europeias e da Índia, verificando as possíveis convergências com a educação brasileira, tem a intenção de valorizar as experiências em curso no Brasil, levando aporte teórico e prático de forma que as consolidem e novas possibilidades emergjam na escola pública do país.

## 2. Justificativa

---

<sup>1</sup> Usarei “ser humano” ao invés de “homem”, quando tratar da concepção universal do humano. Entendo que a manutenção do vocábulo “homem” para designar genericamente os seres humanos é uma forma de manutenção de uma sociedade machista, algo a ser combatido numa concepção de educação que se diga inovadora e libertária.



A estrutura básica da escola brasileira é a escola tradicional burguesa, isto é, uma escola organizada na estrutura de quartel, não baseada nos interesses dos alunos<sup>2</sup>, com salas de aulas e turma fechada, um professor por turma, quadro negro, carteiras enfileiradas, pátio, funcionários para limpeza e cozinha, livros didáticos, horário controlado e determinado por um sinal sonoro, entre outras peculiaridades seus alunos são passivos e meros receptores. Tal escola organizada e implementada no Brasil a partir da revolução industrial tardia, fim do século XIX, expandida pela primeira vez nos anos 30 do século XX, pretendia preparar mão de obra qualificada para a modernização, leia-se industrialização, do país. Mesmo com o forte movimento humanista da Escola Nova, trazida por Anísio Teixeira, um dos líderes e signatário do primeiro documento referência para a educação no país, o Manifesto dos Pioneiros da Educação, em 1932 (HISTDBR, 2018), a escola brasileira se assenta no modelo centrado no professor, este a base do conhecimento escolar, e os alunos em seu papel passivo de aprendizes. Ensino baseado na memorização e comprovação, no vigiar e punir de Foucault (2002), ganha ao longo das décadas contornos distorcidos de autoritarismo, com excessos e abusos, de humilhação a expulsão de crianças de suas escolas, gravando-lhes com a triste marca da incapacidade ou burrice. Certamente que bons exemplos de professores existiram e existem, temos ciência de resultados surpreendentes de alunos que saíram da miséria para o sucesso profissional e pessoal, resultado de uma boa orientação exercida por excelentes profissionais da educação, mas no caráter mais íntimo da educação brasileira, a marca da dor e da frustração são profundas, seja para os alunos, seja para professores.

A educação pública no Brasil veio se desenvolvendo lentamente nos dois séculos de independência, somente nos últimos 20 anos conseguiu universalizar o acesso escolar na idade certa para suas crianças e jovens de 6 a 14 anos, avanços menores encontramos na faixa etária dos 15 aos 17 anos. Apesar da universalização, os índices educacionais são muito baixos, diversas avaliações, nacionais e

<sup>2</sup> Usarei o vocábulo “aluno”, pois segundo podemos encontrar em Almeida

A palavra aluno, etimologicamente, não significa sem luz, como sugerem algumas interpretações que conferem ao prefixo “a” o sentido de negação. O vocábulo aluno proveio do latim *alumnus*, antigo particípio médio-passivo substantivado do verbo *alere* “alimentar, nutrir”. No sentido semântico, a palavra “aluno” conota aquele que precisa de alimento para nutrir-se e crescer. O dicionário Houaiss indica que o vocábulo é originário do latim e significava “criança de peito, lactente, menino, aluno, discípulo” (HOUAISS, 2005, p. 173). Teria vindo do verbo *alère*, cuja acepção era fazer aumentar, crescer, desenvolver, nutrir, alimentar, criar, sustentar, produzir, fortalecer etc. Esse vocábulo teria sido apropriado pela Língua Portuguesa por volta do século XVI. O verbete no dicionário Aurélio traz mais alguns dados: “pessoa que recebe instrução e/ou educação de algum mestre, ou mestres, em estabelecimento de ensino ou particularmente; estudante, educando, discípulo. Aquele que tem escassos conhecimentos de certa matéria, ciência ou arte; aprendiz” (FERREIRA, 1986, p. 95). (ALMEIDA, 2011, p.28)

internacionais atestam isso (segundo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB (INEP, 2018a), entre 2005 e 2015 o índice na avaliação saiu de 3,5, um índice muito baixo, para 4,5, ainda baixo; segundo o Programme for International Student Assessment – PISA (INEP, 2018b), entre 2000 e 2015 em matemática, o índice brasileiro era baixo, 334, subiu para 391 em 2012 e caiu para 377 em 2015)<sup>3</sup>. Mesmo com programas governamentais, estimulando a permanência de alunos nas escolas, ou incentivando os ensinamentos de matemática e língua portuguesa, não temos visto resultados promissores.

Perpassa por diversos setores educacionais do Brasil a percepção de que as escolas não conseguem mais atrair a atenção dos alunos, no entanto, na verdade, com o movimento de ocupação nas escolas, em 2016, que chegou a mais de 2 mil escolas ocupadas no país, uma nova realidade veio à tona, os alunos mostraram que gostam de ir à escola e sentem pertencimento por elas, e mais, gostam de estudar. Foram diversas aulas abertas ofertadas pela própria comunidade acadêmica ou professores de universidades que se dispuseram a dar uma aula livre, em forma de grupo de discussão, debates e cinema; a presença nestes espaços sempre intensa e participativa durante todo o tempo de ocupação, os relatos são fantásticos. Durante as ocupações, os alunos cuidaram das escolas, melhorando inclusive muitas delas, pois pintaram e lavaram as instalações, fizeram almoço coletivo, grupo disciplinar, tudo resolvido em assembleia. Este conjunto demonstra que nossos jovens não estão parados, preguiçosos ou desinteressados pelos estudos, só não gostam da sala de aula com aulas expositivas e eles passivos, rechaçam a estrutura de controle que a atual escola lhes impõe e das temidas provas bimestrais que, na maioria das vezes, os levam ao limbo como se fossem incapazes.

Tais relações negativas apresentadas resultam que a educação escolar não cumpre minimamente o pretendido: a apreensão de conteúdos. Se levarmos em conta as outras questões como cidadania, criatividade e autonomia do pensar etc... podemos afirmar, considerando os índices de avaliação escolar, que a escola não cumpre mais seu papel, uma vez que os jovens saem desmotivados para os estudos ao final do ensino básico.

---

<sup>3</sup> Cabe esclarecer que o autor não concorda com esses índices avaliadores, por exemplo o PISA compara uma cidade estado como Singapura, um centro financeiro potente com cerca de 4 milhões de habitantes e um IDH altíssimo com a escola pública do Brasil. Não faz sentido! Outro aspecto é que os critérios avaliados são pouco significativos para avaliar o que de fato ocorre na escola brasileira. Não desenvolveremos este tema pois nos afasta do objeto do ensaio.



Ciente do que dizem Cosme e Trindade (2013, p.19), da difícil tarefa dos professores da escola pública, e que na sua decisão sobre a tarefa pedagógica pesa “[...] compreender também que ela não é dissociada do modo como pensamos a nossa relação com o mundo e com os outros, em função da qual se define o modo como nos sentimos e definimos como professores”. Em seguida afirmam

Certamente que educar não é uma tarefa que possa ser atribuída apenas à Escola, e tudo seria mais fácil se todas as famílias assumissem as suas responsabilidades neste domínio. este é, no entanto, e como bem sabemos, um desejo irrealista. (2013, p.19)

Justamente pelo fato da escola hoje, principalmente a brasileira, ter que dar conta de diferentes papéis sociais e formativo do ser humano, é que a investigação realizada e apresentada aqui pode trazer novas luzes. Entendemos que para o difícil momento que a educação do Brasil está atravessando, apresentar diferentes possibilidades de educação escolar pode ser de grande valor, principalmente as relações de aprendizagem na educação e trabalhos que implicam em novas relações no espaço escolar; são mudanças como estas que chamamos de inovação pedagógica.

Apontamos algumas características de inovação pedagógica comuns encontradas nas escolas visitadas:

- Colocar o protagonismo no aluno;
- Uso de instrumentos e métodos avaliativos mais adequados aos processos de aprendizagem, com isso deixando de usar provas na educação;
- Desconstrução do uso de salas de aulas;
- Currículo aberto;
- Sala de aula invertida;
- Aprendizagem baseada em projetos;
- As artes como eixo pedagógico;
- Uso das tecnologias integradas ao currículo;
- Uso da robótica na aprendizagem;
- Professor como tutor, ou mediador;
- Espaço escolar democrático e participativo;
- Cantina aberta;
- Autogestão pela comunidade escolar dos setores de limpeza, biblioteca, jardins, horta, disciplinar etc...;

- Escola da comunidade;
- Etc.

Usando o conceito de França (2011), entendemos a inovação no setor educacional como fator de emancipação e superação, tanto no aspecto do processo educacional quanto do resultado, provocando rupturas epistemológicas e sociais, desde metodologias de ensino até estudos sobre a formação humana e o trabalho.

São diversas experiências, algumas bem antigas, em andamento no mundo e que foram visitados: Summerhill Scholl e Brockwood Park School na Inglaterra; o Movimento da Escola Moderna e a Escola da Ponte em Portugal; escolas em Auroville e Puducherry, incluindo Barefoot College na Índia que foram pesquisadas, visitadas, conhecidas e identificadas suas metodologias, práticas e resultados. No sentido de refletir tais inovações e suas possíveis interfaces com a educação brasileira, visitou-se as experiências no Brasil que se encontram em andamento, como EMEF Desembargador Amorim Lima, Associação Comunitária Monte Azul, Projeto Âncora, todas em São Paulo. O Instituto Chapada de Educação e Pesquisa (ICEP), a Secretaria Municipal de Iraquara e suas escolas, a Escola Casa Via Magia, Escola Inkiri em Piracanga - Maraú, todas na Bahia. Escola Sarapiquá em Florianópolis. Há diversos projetos e propostas espalhadas pelo Brasil, e pelo mundo, as visitadas somente servem para dar uma referencias das possibilidades e do que se propõe discutir aqui, tornando-se referência e fonte de inspiração numa perspectiva de transformação da prática educacional do Brasil e do mundo.

### **3. Algumas Reflexões Acerca da Educação**

Para entender a investigação que foi realizada, apresentamos algumas reflexões acerca da educação que nos serviram de estímulo. Em seu sentido mais amplo, educação significa o processo no qual os hábitos, costumes e valores de uma comunidade são transferidos de uma geração para a próxima geração. A educação está sendo construída através de situações vivenciadas por cada indivíduo ao longo de sua vida. O conceito de educação compreende o nível de cortesia, gentileza e civilidade demonstradas por um indivíduo e sua capacidade de socializar.

A educação é um conjunto de ações e influências voluntariamente exercidas por um ser humano em outro, geralmente de um adulto para um jovem. Essas ações



visam atingir determinado objetivo no indivíduo, de modo a desempenhar algum papel nos contextos social, econômico, cultural e político de uma sociedade.

No sentido técnico, a educação é o processo contínuo de desenvolvimento das faculdades físicas, intelectuais e morais do ser humano, para melhor se integrar na sociedade ou em seu próprio grupo. Ser capaz de analisar criticamente a sua realidade e escolher livremente o melhor caminho, ou propor soluções, levando em consideração a si mesmo, a si e a todos; isto é, para alcançar a plena cidadania. Definiremos alguns termos muito utilizados quando o assunto é educação que, no entanto, muitas vezes são confundidos. Apresentamos tais conceitos como são predominantemente conhecidos, mas os estudos desenvolvidos na pesquisa tendem a desconstruí-los.

**Escola no mundo atual:** Estabelecimento onde a instrução é dada ou recebida. Tradicionalmente, as escolas são espaços organizados para ensinar e aprender. As salas de aula, onde os professores ensinam e os alunos aprendem, são de importância central. Conjunto de pessoas seguindo um sistema de pensamento, uma doutrina, um princípio estético; um conjunto de princípios; ou um grupo de seguidores de uma causa. Na maioria das escolas visitadas essa visão ou modelo não é encontrado.

**Escolaridade:** É o processo realizado na Escola, tradicionalmente visto como o lugar por excelência para a transmissão de conhecimento, aprendizagem, ensino do patrimônio e conhecimento acumulado pela humanidade e por cada cultura de referência. Conjunto de conhecimentos adquiridos na escola = INSTRUÇÃO. Grau dado àquele que se submeteu ao processo de aprendizagem em contexto escolar. As experiências estudadas não trabalham neste sentido, assim um aluno ao terminar sua etapa escolar não se pode afirmar que foi escolarizado, poderíamos dizer que é um processo do vir a ser; nem formado (colocado na forma), nem escolarizado (adestrado).

**Cidadania:** Um conjunto de direitos, meios, recursos e práticas que dão às pessoas a possibilidade de participar ativamente na vida e no governo de seu povo. Um cidadão é uma pessoa que se considera madura o suficiente para agir consciente e responsabilmente na sociedade. Exercer cidadania significa tornar-se consciente de seus direitos e deveres, assegurando que a justiça seja colocada em prática. Tal conceito ainda é pouco para explicar o que acontece com os alunos dessas escolas,

pois preparam o sujeito pensante, reflexivo, capaz de interferir na sua realidade com a visão ampliada de sujeito: agir localmente, pensar globalmente, viver cosmicamente.

Apresentamos algumas questões suscitadas a partir dos conceitos apresentados que nos levaram a desenvolver a investigação apresentada:

1. Se a educação visa preparar a criança para a vida plena do adulto, a escola que só se preocupa com o conhecimento racional e técnico cumpre seu papel?
2. Se o papel da escola é, no mínimo, o local para se aprender o conhecimento racional e técnico, o método expositivo cumpre seu papel?
3. Se para aprender é necessário o envolvimento com o tema, que precisa ser estimulante e o sujeito aprendente deve ter o interesse desperto sobre o que vai aprender, estamos utilizando o melhor método centralizando o papel ativo no professor?
4. Se quem aprende é o aluno, podemos dizer que ensinar é demonstrar, treinar e reproduzir?

A partir destas quatro indagações nos resta entender se temos que ensinar ou aprender? Nos processos escolares estamos sabendo ensinar? Vejamos, se ensinar é transmitir conhecimento, isso é chamado de treinamento, sim, às vezes precisamos treinar nossos alunos. Se ensinar é apresentar, explicar e reproduzir, isso é treinamento também, sim, precisamos usar essa estratégia em alguns momentos. Apresentar ao aluno uma ideia e depois exigí-la nos exames, não isso não é ensinar e sim, deveria ser abolido da escola.

### **Mas qual é o papel da escola?**

Se o papel da escola é se preparar para a cidadania plena, então precisa desenvolver outros aspectos além dos informativos, técnicos e racionais. Precisa desenvolver valores fundamentais para o bem-estar coletivo. Precisa desenvolver um senso de cuidado, cuidar de si, cuidar do outro, cuidar do planeta e de seus vários reinos. Precisa desenvolver a consciência de um estado crítico e desperto sobre a realidade, sobre a própria existência e sobre responsabilidades. Precisa ajudar cada criança e jovem a se tornar um adulto feliz, capaz de dominar o conhecimento de seu tempo, mas acima de tudo para desenvolver boa vontade.



Por fim, o mais importante é que cada ser humano compreenda seu papel no mundo de maneira consciente, só assim transformará as condições humanas de pobreza, fome, guerra em uma cultura de paz onde cada pessoa se realiza e seu potencial pode ser valorizado sem diferenciação social, cultural ou qualquer outra forma de discriminação

#### **4. Educar para a liberdade**

Uma característica importante e que consideramos como estruturante para os estudos das escolas investigadas é a liberdade. Educar para a liberdade tem sido a meta das escolas, isso não quer dizer deixar o aluno livre e sem parâmetros externos, quer dizer que deve ser dada a oportunidade de ele experimentar escolhas, aprender a seguir sua própria percepção sobre os seus interesses e saber dar continência e pertinência aos caminhos escolhidos, aprender a avaliar o percurso e escolhas, saber corrigir a rota saber voltar atrás numa decisão, mas com responsabilidade e não por desinteresse ou descaso.

Ser livre é saber que se é responsável e que as escolhas implicam em resultados, assim nestas pedagogias disruptivas compreende-se que é preciso oferecer essa possibilidade na educação escolar para que os alunos sejam preparados para o mundo do adulto, onde o erro custa muito mais do que no período de formação. Isto, inclusive, implica no domínio de saberes e técnicas sobre as coisas estudadas e trabalhadas na escola. Não dá para imaginar uma escola que trabalhe a liberdade sem responsabilidade. Como ensinar democracia sem a experiência da liberdade? Este é um ponto central.

Outro aspecto importante presente em tais escolas, a compreensão de que é inadmissível que por todo o período de infância e juventude uma pessoa, o período escolar, ela passe ao largo dos conhecimentos desenvolvidos pela humanidade, certamente que são muito importantes, por isso estão sempre presentes nos processos vivenciados pelos alunos, sejam associados aos projetos, aos estudos livres ou ao ambiente escolar. Encontramos um misto de oficinas obrigatórias, mas com projetos livres, em grupo ou individuais, nos quais a reflexão sobre a responsabilidade e a organização dos projetos são o eixo pedagógico. Após terem passados por diversas oficinas, em tempos e espaços distintos, desenvolvendo projetos variados, somente então é dada a oportunidade de uma escolha livre, mais

voltada para uma atividade semiprofissional, para que se possa experimentar o trabalho e a responsabilidade sobre a qualidade do resultado.

Mais um aspecto essencial para se garantir a liberdade, presente nas propostas estudadas, é a autoavaliação, a avaliação do trabalho do professor, a avaliação pelos alunos e pelos pares. O resultado do trabalho da escola tem se dado avaliando o resultado dos alunos na vida pregressa, por isso têm sempre acompanhado seus alunos. Entendem que o papel da escola é de prepará-los para o mundo, assim procuram saber se eles o estão enfrentando de forma satisfatória. Isso não quer dizer somente nos aspectos pragmáticos de conhecimento para exames ou concursos, o que certamente é importante, mas como lidam com a vida, com o mundo do trabalho, nas relações humanas.

## 5. Inconclusas

Espera-se que com a produção desse ensaio, apresentando algumas análises das possíveis convergências das diversas escolas e modelos pedagógicos estudados, que se inicie, com as pistas e indícios apresentados, um diálogo plural, necessário, para se propor mudanças e apontar para uma nova proposta de escolas públicas brasileiras. Escolas no plural, pois não se pode achar que iremos encontrar a fórmula mágica a ser aplicada em todas as escolas, em um país tão diverso e com realidades tão distintas. Longe disso, pretendemos que se perceba a riqueza de possibilidades que tais modelos aqui apresentado nos trazem, que possamos pensar de forma descolonizadora encontrando nossos próprios caminhos e modelos pedagógicos que sirvam para nossos alunos, e não o contrário, esperar que nossos alunos se adaptem a um modelo ilegítimo e que isso é o correto.

Que possamos abrir o diálogo verdadeiro nas escolas, em cada escola, para que cada uma encontre sua verdade, sua proposta de educação que sirva de fato aos seus alunos. Isto só será possível se cada aluno, cada professor, cada gestor, cada parente, cada funcionário tenha total liberdade de se expressar e juntos construir um projeto coletivo, não o projeto da maioria, mas um projeto de todos.

Ah! Sim, deixamos isso para o final, terminaremos o presente ensaio com a coisa mais preciosa que encontramos na investigação: a construção do consenso, um projeto desse só dá certo quando se alcança o consenso, todos se sentem parte, ninguém solta a mão de ninguém. Umbunto!



---

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, Erika N. **Da construção do “ofício de aluno”**: observando, ouvindo e interpretando

visões e versões de jovens alunos: uma pesquisa em duas séries da educação básica de uma escola particular de Belo Horizonte/MG. / Juliana das Graças Gonçalves Gualberto. Belo Horizonte: PUC-Minas, Dissertação. 2011

COSME, Ariana; TRINDADE, Rui. **Escola pública e democracia**: um percurso pedregoso. A Página da Educação nº200. Porto : Profedições, 2013

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ : Vozes, 2002

FRANÇA, Robson L.. **Inovação Pedagógica na Educação Brasileira**: Desafios e modernização na práxis educativa. Jundiaí, SP : Paco Editorial, 2011

HISTDBR. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932). **Revista HISTDBR On-Line**. , Campinas, n. especial, p.188–204, ago. 2006. Disponível em <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1\\_22e.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf)> Acessado em 10/01/2018

INEP. **IDEB – Resultados e Metas**. Disponível em <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/>> Acessado em 10/01/2018a

\_\_\_\_\_. **BRASIL NO PISA 2015: SUMÁRIO EXECUTIVO**. Disponível em <[http://download.inep.gov.br/acoes\\_internacionais/pisa/documentos/2016/pisa\\_brasil\\_2015\\_sumario\\_executivo.pdf](http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/documentos/2016/pisa_brasil_2015_sumario_executivo.pdf)> Acessado em 10/01/2018b

Submetido em 15/09/22.

Aprovado em 05/10/22.